

81'42
C 838v

C 92579244

Ex 1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ALCIONE ALVES FRANCO COSTA

AS VOZES DAS RUAS EM JUNHO DE 2013 E AS POLÍTICAS DE
SILENCIAMENTO: GESTOS DE LEITURA



Pontes e Lacerda/MT
Dezembro/2013

ALCIONE ALVES FRANCO COSTA

AS VOZES DAS RUAS EM JUNHO DE 2013 E AS POLÍTICAS DE
SILENCIAMENTO: GESTOS DE LEITURA

Trabalho monográfico apresentado ao
Departamento de Letras, Campus Universitário de
Pontes e Lacerda, Universidade do Estado de Mato
Grosso como requisito parcial para avaliação na
disciplina de TCC.

Orientador: Prof. Me Joil Antonio da Silva.

Pontes e Lacerda/MT
Dezembro/2013



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



Esta monografia foi defendida e aprovada perante a seguinte banca examinadora:

Professor Me. Joil Antonio da Silva – Orientador

Professora Ma. Marlene Flores - Membro

Professor Me. Rogério Martins – Membro

À Deus por me dar forças nos momentos que mais precisei por intermédio de
pessoas iluminadas que fazem parte da minha vida.

À minha família amada, minha esposa Edivânia e minha adorada filhinha Isadora.

À meus pais Luzia Alves Franco e José Cipriano

Aos meus avós Geraldina A. Silva (*in memoriam*) e Alcides F. Rocha (*in memoriam*)

Agradecimentos

Agradeço a Deus por todas as graças recebidas, por iluminar os meus passos e por mais esta conquista em minha vida. Aos meus pais Luzia Alves Franco e José Cipriano pelo amor, carinho e pela compreensão nos momentos que estive ausente. Agradeço à minha amada esposa Edivânia pela cumplicidade e companheirismo. Agradeço à minha amada filhinha Isadora que a cada sorriso, a cada abraço e cada beijinho me impulsiona para nunca desistir dos meus sonhos. Agradeço à minha querida irmã Alciene e as minhas queridas sobrinhas Luana, Sabrina e Evillyn. Agradeço aos meus tios Valdeir e Maristela; Iraci, Orozino por me darem forças nesta caminhada. Aos meus familiares maternos: tios (as), primos (as), por terem compreendido a minha ausência nos momentos de comemorações, ou em outros que precisavam da minha presença.

Agradeço ao professor Me Joil Antonio da Silva pela orientação, pela paciência, pela amizade e pela sabedoria que teve durante a escrita deste trabalho.

Aos amigos de turma, em especial, a Rosana C. Florindo pelo apoio e companheirismos durante esta caminhada.

Aos demais colegas de turma que dividiram momentos de alegria e também de angústia comigo.

Agradeço a todos os professores da Unemat por terem contribuído para a minha formação acadêmica.

Agradeço a Unemat pela qualidade e excelência do curso como também do quadro docente e quadro técnico.

Porque a sabedoria serve de defesa, como de defesa serve o dinheiro; mas a excelência do conhecimento é que a sabedoria dá vida ao seu possuidor.

Eclesiastes 7:12

RESUMO

Nesta monografia buscamos compreender os gestos de leitura presentes na revista *Veja* sobre a reportagem das manifestações de junho de 2013. O estudo baseia-se teoricamente na Análise de Discurso, conforme Orlandi (1996, 1999, 2000, 2001), Achard (1999), Althusser (1985), Gomes (2000), a partir dos quais pensamos em compreender quais e como esses efeitos surgem na constituição de um texto. Para isso mobilizamos os conceitos de *concepções de leitura* com a finalidade de refletir sobre a importância da leitura para os indivíduos e para a sociedade onde discutimos a opacidade da linguagem, a pluralidade do texto, o processo de legitimação e os tipos de funcionamento da linguagem. Em seguida comentamos sobre os *aparelhos ideológicos do Estado e o funcionamento da ideologia* em que as instituições públicas ou privadas são partes integrantes desses aparelhos, pois, essas instituições fazem reger seus objetivos pela ideologia ou pela repressão. Logo depois tratamos da *ideologia no funcionamento das instituições*. Adiante buscamos compreender as *Formações discursivas e formações imaginárias*, como também a noção de interdiscurso. Além disso, procuramos conhecer a história e constituição do Movimento Passe Livre (MPL) e da revista *Veja*. Em seguida procedemos com a análise do *corpus* e as condições de produção do objeto em estudo em que descrevemos um breve relato das condições de produção da manifestação. Procedemos a análise em quatro divisões: 1ª observação: imagem 01 – Manifestantes em frente ao teatro municipal de São Paulo; 2ª observação: imagem 02 – Manifestantes ao redor de uma fogueira; 3ª observação: imagem 03- discurso presente no cartaz; 4ª observação: imagem 04 - discurso irônico. Por fim, as considerações finais.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 Concepções de leituras	11
1.2 Aparelhos Ideológicos do Estado e o funcionamento da ideologia.....	13
1.3 A ideologia no funcionamento das instituições	14
1.4 Formações Discursivas e Formações Imaginárias	15
2. MOVIMENTO PASSE LIVRE (MPL)	17
3. A MÍDIA E A REVISTA VEJA EM QUESTÃO	19
3.1 O que é a revista <i>Veja</i>	19
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	23
4.1 Condições de produções das manifestações	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
BIBLIOGRAFIA	36
ANEXOS	38

INTRODUÇÃO

Como alunos do último semestre de Letras, ficamos incomodados com algumas manifestações discursivas presentes na mídia, sobretudo pela época dos protestos ocorridos no país em junho de 2013. Assim, decidimos neste trabalho monográfico produzir um gesto de leitura sobre a cobertura da revista *Veja* sobre estes movimentos, tomamos, então como corpus essa cobertura e como objeto os discursos ali veiculados.

Nosso objetivo nesta monografia, *As vozes das ruas em junho de 2013 e as políticas de silenciamento: gestos de leitura*, é produzir um gesto de leitura dos discursos veiculados pela revista *Veja* em julho de 2013. Partimos do pressuposto de que a cobertura tem um viés claramente voltado para silenciar certos dizeres e fazer funcionar outros, utilizando dos próprios discursos dos manifestantes em formulações montadas e comentadas de forma que a revista simula uma cobertura isenta e objetiva dos fatos, mas no fundo age de forma a gerenciar significados que lhe interessam.

Utilizamos como apoio teórico a Análise de Discurso, de linha francesa, fundada na década de 60 por Pêcheux (1969), Orlandi (1996, 1999, 2000, 2001, 2002, 2007). O trabalho divide-se em três capítulos, sendo que no primeiro, *Referencial teórico*, abordamos as noções teóricas que servirão de embasamento para nosso gesto de leitura, trabalhamos as concepções de leitura, ideologia e formações imaginárias. Com Althusser (1985), discutimos o conceito de Aparelhos Ideológicos do Estado e o funcionamento da ideologia, bem como a ideologia no funcionamento das instituições.

No segundo, abordamos o *Movimento Passe Livre (MPL)* e a revista *Veja*, procuramos descrever esse movimento o MPL, que dá início aos protestos e gera toda uma onda de manifestações que mistura-se a muitos outros interesses e movimentos neste junho de 2013. Fazemos uma breve descrição histórica da revista *Veja*. E, descrevemos também o corpus de pesquisa - os cartazes e a reportagem da revista sobre as manifestações.

No terceiro capítulo, produzimos a análise do *corpus* em que descrevemos as imagens e as formulações encontradas na revista, neste momento tomamos como objeto de análise os discursos dos manifestantes e o discurso do órgão de imprensa,

procuramos mostrar a política do silenciamento de sentidos, as contradições presentes nos interdiscursos que opõem as formações discursivas em questão. No último capítulo, buscamos a título de conclusão retomar algumas afirmações de análise e a pertinência do apoio teórico sobre o qual nos baseamos.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Concepções de leituras

Para este trabalho não faremos referência às diversas concepções de leitura e suas filiações teóricas, apenas uma reflexão sobre a importância da leitura para os indivíduos e para a sociedade. Propomo-nos a um gesto de leitura de discursos produzidos nos movimentos de protestos desencadeados nas ruas das principais capitais brasileiras, inicialmente denominados "Movimento Passe Livre", e posteriormente se generalizando pelo país com diversas e variadas "bandeiras". Desta forma, nos apoiaremos, inicialmente, nas concepções de leitura e interpretação da Análise de Discurso para problematizarmos a maneira como esses discursos circularam e foram interpretados pela mídia, neste trabalho, especificamente na cobertura da Revista *Veja*.

Em nosso cotidiano estamos expostos à leitura dos mais variados textos, desde os mais simples aos mais complexos, como a leitura de uma placa de trânsito e ou a de uma teoria, com suas filiações epistemológicas. Lemos para obter informações, paz de espírito, saber de notícias locais, regionais e globais em variadas condições e de fontes variadas. A este respeito, citamos Nascimento (1983 p. 04) que afirma:

A leitura constitui-se em fator decisivo de estudo, pois propicia a ampliação de conhecimentos, a obtenção de informações básicas ou específicas, a abertura de novos horizontes para a mente, a sistematização do pensamento, o enriquecimento de vocabulário e o melhor entendimento do conteúdo das obras.

Por este prisma a leitura é fundamental para nos constituirmos como indivíduo. A leitura pode ajudar-nos a desenvolver intelectualmente, ampliar o conhecimento, a visão de mundo, o repertório linguístico o que possibilita uma visão crítica dos textos.

Para o estudo nas áreas das ciências humanas como a linguagem, em especial, a Análise de Discurso é preciso métodos e procedimentos para a análise do objeto pesquisado. É necessário atentar para a materialidade lingüística nas diversas

manifestações da linguagem como forma de proceder à problematização dos discursos. Orlandi (2000, p. 09) propõe que:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político.

Um fator importante para Orlandi é a opacidade da linguagem. Ela não é transparente, algo acabado e pronto, a transparência é uma ilusão que temos da realidade como efeito ideológico.

Destacamos ainda a pluralidade de um texto, decorrente do sujeito/leitor os sentidos variam dependendo de quem fala, quem houve, o ambiente, questões culturais e outros que estão relacionados à nossa vida afetam nossas formas de ler, de produzir sentidos, enfim de interpretarmos. Para Orlandi (1999, p. 87) "Quando me refiro à pluralidade das leituras não estou pensando apenas na leitura de vários textos, mas, sobretudo, na possibilidade de se ler um mesmo texto de várias maneiras". Diante desta afirmação, um texto apresenta características de pluralidade, sendo que esta pluralidade, presente em uma unidade textual, possibilita-nos fazermos leituras diferentes, produzindo sentidos diferentes conforme a posição do sujeito-leitor, como por exemplo: um crítico literário, um professor ou um operário, além das condições de produção, do contexto sócio-histórico de cada leitor.

Por outro lado, deparamos com o processo de *legitimação* que confere a autenticidade própria de um texto, "algumas leituras são mais legítimas do que outras. Essa legitimação ocorre de maneiras diferentes, de acordo com as várias instituições: na igreja cristã, a leitura está a cargo do teólogo; do Direito, a cargo do jurista, etc." Orlandi (1999, p. 87). A legitimação do texto jornalístico ocorre pelo valor atribuído à instituição. A revista *Veja* é tomada por uma parcela de seus leitores como um órgão comprometido com a veracidade (atribui materialidade à língua como ilusão de transparência) do cenário político brasileiro. O caráter de legitimação promove uma identidade à revista como autônoma, com princípios,

objetivos e missão. Pelo qual reflete e confere uma qualidade inerente de legitimação nos textos produzidos pela instituição.

A Análise de Discurso conceitua três tipos de funcionamento da linguagem denominados de tipologias: o autoritário, o polêmico e o lúdico. Todos eles têm a função de regular a linguagem do discurso – sentido - entre o falante e o ouvinte é *um princípio organizador*. Pois, trabalham com a noção de paráfrase, polissemia e a noção de reversibilidade, cada qual, com suas propriedades. O primeiro impõe um sentido único (limita a polissemia); no polêmico há liberdade para outros sentidos (equilíbrio entre polissemia e paráfrase); no lúdico o objeto do discurso se mantém estável predominando a polissemia onde os sentidos apresentam rumos diferentes e a possibilidade de reversão desses sentidos. A imprensa tende a ser um discurso polêmico. Com a descrição de fatos ocorridos num período tenso pelos protestos, a narrativa dispõe de mecanismo onde os sentidos são controlados, porém, dá margens para compreensão para outros sentidos.

1.2 Aparelhos Ideológicos do Estado e o funcionamento da ideologia

Em função destas diferentes percepções de leitura cabe discorrermos sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado e o funcionamento da ideologia das respectivas instituições que compõem a formação do Estado na sociedade. Este conceito nos será útil, pois estamos nos propondo a analisar textos publicados pela revista de maior circulação no país e uma das maiores do mundo, a revista *Veja*.

Para esta pesquisa recorreremos aos estudos de Louis Althusser em Aparelhos Ideológicos do Estado que teoriza sobre os Aparelhos de Estado e a formação da ideologia. Althusser preocupa-se em formular uma tese que compreenda os *Aparelhos Ideológicos de Estado*, logo, a formação da ideologia nas instituições. Há em seus estudos sombras do marxismo e outros autores. Por conseguinte, formula conceitos sobre a constituição das instituições como aparelhos de Estado.

Althusser (1985, p. 68) define os *Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE)*, em instituições de nível público e privados que representam “certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e

especializadas." Essas instituições incluem a família, a religião, a escola, os meios de comunicação etc. Cada instituição tem sua importância e funcionalidade própria.

Althusser (1985, p. 60), dentro desta perspectiva, partiu da idéia de que a sociedade está dividida em dois níveis: Infra-estrutura e Superestrutura. O primeiro pertence à base econômica; a segunda composta pelos níveis jurídico-político e a ideológica. Estas bases têm seus valores próprios, embora, distintos uns dos outros que contribuam para a manutenção da sociedade. Com esta divisão podemos conhecer a base do funcionamento da estrutura da sociedade, contudo, ela ainda sofre outras alterações/ramificações do ponto de vista dominante que o autor define como *Aparelhos de Estado e Aparelhos ideológicos do Estado*.

Cabe lembrar a definição de *Estado* proferida por Althusser (1985) pela ótica marxista correspondente ao século XIX, que o Estado é um *aparelho repressivo*¹ manipulado pelas classes burguesas e por latifundiários para garantir o controle da classe operária. Os *Aparelhos de Estado*² são conjuntos funcionais reguladoras que envolvem duas instâncias seja a prática jurídica como: a política, os tribunais e o exército, como também, o Chefe de Estado, o Governo e a Administração. Os aparelhos de estado funcionam tanto pela repressão quanto pela ideologia.

1.3A ideologia no funcionamento das instituições

A ideologia, segundo Althusser (1985, p.87), está condicionada à "relação com as suas condições de produções reais de existência". Assim tanto um grupo quanto outro tem sua ideologia materializada nas suas produções reais de

¹ O Estado é explicitamente concebido como um **aparelho repressivo**. O Estado é uma 'máquina' de repressão que permite às classes dominantes (no século XIX à classe burguesa e à 'classe' dos grandes latifundiários) assegurar a sua dominação sobre a classe operária, para submetê-la ao processo de extorsão da mais-valia (quer dizer, à exploração capitalista). (ALTHUSSER, 1985, p. 62- grifo nosso).

² O Estado é, antes de mais nada, o que os clássicos do marxismo chamaram de o *aparelho de Estado*. Este termo compreende: não somente o aparelho especializado (no sentido estrito), cuja existência e necessidade reconhecemos pelas exigências da prática jurídica, a saber: a política – os tribunais – e as prisões; mas também o exército, que intervém diretamente como força repressiva de apoio em última instância [...] quando a polícia e seus órgãos auxiliares são 'ultrapassados pelos acontecimentos'; (ALTHUSSER, 1985, p. 62)

existência. Naquilo que cada grupo - instituição - acredita e produz sentidos na realização de seus atos.

Os efeitos de sentidos que permeiam a revista periódica, *Veja*, faz-se pela ideologia. "Os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica", Althusser (1985, p.70). A revista periódica tem caráter ideológico na medida em que se apresenta com publicações de matérias que abordam os temas da atualidade seja ele político, econômico e cultural. Para Orlandi (1996, p. 96) afirma:

A mídia é um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem. Enquanto tal, ela é um acontecimento de linguagem que impõe sua forma de gerenciamento dos gestos de interpretação, sempre na distinção do que se deve apreender como sentido unívoco (literal) e o que admite plurivocidade interpretativa. Com a mídia há uma reorganização do trabalho intelectual e uma nova divisão do trabalho da leitura.

Vale lembrar que o papel da mídia perante a sociedade é registrar os fatos e noticiá-los segundo a ótica da instituição. "Os Aparelhos Ideológicos do Estado podem não apenas ser os meios, mas também o lugar da luta de classes". Althusser, (1985, p.71). A mídia e no caso a revista *Veja* funciona como um AIE. É ao mesmo tempo meio e lugar da luta de classes, considerando o embate que se trava pelo discurso dos manifestantes e o da revista.

1.4 Formações Discursivas e Formações Imaginárias

Segundo Orlandi (1999, p. 58) A palavra constitui sentido pela "posição ideológica" que ocupa o sujeito considerando o processo sócio-histórico, conforme a posição ideológica o sentido também muda. Já a formação discursiva "se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada) determina o que pode e deve ser dito". Orlandi (1999, p. 58):

A formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos) e aí está a

condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que eu e tu somos sujeito) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade (Pêcheux, 1975). É nela também, como dissemos, que o sentido adquire sua unidade.

Devemos a Pêcheux (1969) o conceito de formações imaginárias. Pensadas discursivamente as formações imaginárias referem-se às imagens que os sujeitos têm de seus interlocutores. Estas imagens estão ligadas às formações sociais, a relação de poder e de antecipação. Para Orlandi (2001, p. 41) "Pensando as relações de força, a de sentidos e a antecipação sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história". Para nosso trabalho, este é um conceito importante, pois queremos compreender as imagens construídas pelos sujeitos presentes nos textos da mídia e dos manifestantes em relação uns aos outros, bem como aos referentes como protesto, mídia e outros.

As formações imaginárias pensadas em relação aos sentidos remetem necessariamente ao funcionamento do interdiscurso. O interdiscurso é definido como o pré-construído, aquilo que fala antes, em outro lugar, nas palavras de Pêcheux (1997, p. 162):

Diremos, nessas condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que "algo fala" (ça parle) sempre "antes, em outro lugar e independentemente", isto é sob a dominação do complexo das formações ideológicas.

Buscar compreender a noção de interdiscurso nos textos propostos para análise neste trabalho nos ajudará a compreender não só as imagens dos sujeitos constituídos, mas também os confrontos entre as formações discursivas nas quais estes discursos se inserem. Compreender o interdiscurso como constitutivo do discurso nos permite visualizar as formações discursivas como um lugar ideológico de dizer e de significar. Sabemos que as formações discursivas não são rígidas e seus limites flexíveis, assim ao falarmos delas precisamos antes compreender pela memória, o interdiscurso, pois os efeitos de sentidos podem ser apreendidos no entremeio, na falha, no deslizar entre formulação e memória.

2. MOVIMENTO PASSE LIVRE (MPL)

Faremos abaixo uma breve descrição do Movimento Passe Livre e a contextualização de suas ações, pois todos os protestos ocorridos em meados deste ano foram desencadeados a partir do movimento contrário ao aumento das passagens nos passes de ônibus em diversas cidades brasileiras.

O Movimento Passe Livre (MPL)³ é um movimento social brasileiro que luta por um sistema público de transporte gratuito a toda população. Preocupa-se sobre questões de mobilidade urbana e sobre um novo modelo de transporte urbano. Realiza trabalhos de divulgação, estudos e análises dos sistemas de transporte das grandes cidades, outra característica marcante são as manifestações de ação direta, intervenções lúdicas e leis de iniciativa popular para pressionar o poder público Federal, Estadual e Municipal.

A Organização surgiu em Salvador na Bahia em 2003, oriundos dos protestos populares contra o aumento da tarifa de transportes "A Revolta do Buzu". Esta manifestação foi iniciada por estudantes, União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Neste manifesto os estudantes e a população trancaram as principais ruas por 10 dias, chegando ao ponto do protesto sair do controle dos estudantes e estes se posicionarem contra o próprio movimento. Em 2004 na cidade de Florianópolis um grupo de estudantes organizaram a manifestação "Revolta da Catraca" se espelhando nas manifestações de Salvador, também exigiam a redução das tarifas de ônibus. Em janeiro de 2005, membros do "Movimento pelo passe livre" de Florianópolis participaram do V Fórum Social Mundial com participação de representantes de diversas cidades e discutiram por um *transporte coletivo de livre acesso e pelo passe livre estudantil*. Por reflexo dos debates se oficializou o "Movimento Passe Livre", sem vínculos com entidades estudantis ou outro tipo de organização.

A hierarquia do Movimento se organiza por princípios básicos e divisão de trabalhos. Os princípios básicos são: independência, apartidarismo (mas não

³ Site Oficial do Movimento Passe Livre. Disponível em: < <http://www.mpl.org.br/?q=node/2>>. Acesso em: 19 out. 2013.

antipartidário), horizontalidade, decisões de consenso e Federalismo. A divisão de trabalho se divide em: Grupos de Trabalho Nacional (GTNs), organiza ações conjuntas como a divulgação do "jornal nacional do movimento"; Encontro Nacional do Movimento Passe Livre (ENMPL). Grupos de Trabalho (GTs) tem a missão de comunicação, organização e apoio jurídico.

Comemora-se na data 26 de outubro o Dia Nacional do Passe Livre em virtude à votação de lei pelo passe livre aos estudantes pelo Legislativo municipal de Florianópolis-SC.

Na carta de princípios do MPL enfatiza os princípios básicos, disposição de Frente Única, perspectivas estratégicas, organização e constituição, semana nacional do passe livre e outras resoluções. Logo, as decisões que toma ganha força pela sociedade, segundo o MPL "A via parlamentar não deve ser o sustentáculo do MPL, ao contrário, a força deve vir das ruas."

O Movimento tem as suas ações divulgadas por jornais internos ou por mídias alternativas por não acreditar nas emissoras de grande circulação. "O MPL deve utilizar mídias alternativas para a divulgação de ações e fomentar a criação e expansão destes meios. Já o contato com a mídia corporativa deve ser cauteloso, entendendo que estes meios estão diretamente atrelados às oligarquias do transporte e do Poder Público." O MPL mantém um site oficial online do movimento que contém explicações sobre a organização e os princípios necessários para uma filiação.

Para se filiar o interessado, geralmente grupos de estudantes como DCEs estudantis, têm que respeitar os princípios básicos da organização e sempre que houver necessidade de uma agitação política pelos interesses da instituição deverá colocar-se a frente do discurso ou manifesto a bandeira, entende-se o nome do Movimento Passe Livre.

A ideologia do MPL é pelo acesso ao transporte público gratuito e de boa qualidade a todos os cidadãos. Uma das grandes conquistas, com intercessão dos estudantes de Florianópolis de Santa Catarina, foi a criação da lei do passe livre por iniciativa popular. A partir disso vem realizando ações conjuntas com diversos grupos estudantis nas principais cidades do país. Prova disso foi a manifestação ocorrida em junho de 2013.

Esta organização está presente nas grandes cidades do país onde o acesso ao transporte público é considerado um meio essencial à locomoção do cidadão.

Para tanto, observamos que há um grande número de bandeiras do *Movimento Passe Livre* em diversas cidades, cada qual, há liberdade de expressão e pensamento, desde que respeite os princípios básicos da organização federativa.

Os MPLs promovem seminários que tratam sobre a mobilização urbana que abrange diversos assuntos, desde a urbanização à licitação de transportes públicos. Estes assuntos são debatidos entre membros da organização como também ao cidadão em interesse pela desprivatização do transporte público.

3. A MÍDIA E A REVISTA VEJA EM QUESTÃO

3.1 O que é a revista *Veja*.

Faremos um breve percurso histórico das revistas no Brasil para mostrar como se consolidou o Grupo Abril⁴. Segundo Íria Baptista & Karen Abreu (2010) as primeiras revistas impressas no Brasil surgiram em Salvador-BA em 1812 e espelhavam-se nos modelos editoriais da época (Europeias e Americanas). Discutiam-se assuntos do cotidiano de costumes e virtudes sociais a estudos científicos, seus formatos assemelhavam-se a livros. Daí em diante as revistas foram adquirindo formatos e gostos diferenciados para determinados grupos de leitores, como as revistas especializadas de diversos segmentos, a literatura, a médica, a científica dentre outras. Nessa época as revistas tinham duração de circulação curta devida a falta de recursos e a quantidade de assinantes. No ano de 1837 com a publicação de 'Museu Universal' esse quadro pôde ser revertido pelo surgimento de um novo modelo de revista, experiências europeias, constituída de uma linguagem mais acessível e com ilustrações. Com esse novo modelo de revista as editoras prosperaram em quantidade de vendas dos exemplares. Em 1849 surgem as primeiras "revistas de variedades", *A Marmota da Corte*, abundante nas ilustrações. Já, a fotografia nas revistas periódicas aparece em 1864 na revista *Semana Ilustrada*, publica as primeiras imagens de Guerra do Paraguai e Brasil. Na década de 1928, é publica a revista o *Cruzeiro* pelo jornalista Assis Chateaubriand destacava-se por editar temas nacionais e internacionais, reportagens, literatura e

⁴ As informações históricas da revista *Veja* está calcada nos conhecimentos de Íria Baptista & Karen Abreu (2010); Daniella Villalta (2002); e no sítio online do Grupo Abril.

assuntos variados. Os métodos de divulgação assemelham-se aos praticados nos Estados Unidos e Europa (Paris-Match, França). Ademais, em 1940 Samuel Weiner implanta a revista *Diretrizes* era considerada uma revista concorrente de o *Cruzeiro* primava pelo viés político e não favorável às ordens ditatoriais. Logo em seguida surge a revista *Manchete* da editora Block, seus assuntos são relacionados a curiosidades culturais e científicas, suas reportagens tendiam para temas informativos do que jornalísticos.

Tais condições favoreceram para a implantação da Editora Abril no Brasil de propriedade de Victor Civita. Segundo Daniella Villalta (2002) a editora Abril iniciou a produção de revistas no Brasil em 1950 fundada por Victor Civita, integrante da família Civita conhecedora das artes gráficas. O seu primeiro contrato foi com a *Walt Disney* e lança as primeiras edições de *Pato Donald* com 82.000 exemplares. Neste período há outras publicações que mantêm a organização como as fotonovelas, *Capricho*, *Você*, *Ilusão*, *Noturno*. No ano de 1958, Roberto Civita (filho de Victor Civita) com formação acadêmica no exterior em: física nuclear na Rice University, no Texas, jornalismo pela Universidade da Pensilvânia e em economia pela Wharton School, com pós-graduação em sociologia pela Universidade de Columbia⁵. Propõe a criação das primeiras revistas jornalísticas: *Quatro Rodas* (1960), *Claudia* (1961), *Realidade* (1966), *Exame* (1967) e *Veja* (1968).

Com a abertura de novas estradas no interior do país, no governo Juscelino Kubitschek, na década de 1960, a editora lança a primeira revista *Quatro Rodas* administrada por Mino Carta. Em seguida, 1966, a editora publica a revista *Realidade* sob direção de Roberto Civita que trabalhara em duas linhas de reportagens a existencial e a política. Espelhava-se no jornalismo de *new journalism* revista norte-americana, conforme Íria Baptista & Karen Abreu (2010, p.13) "Consolidada a partir de reportagens que se propunham à objetividade da informação". Este periódico configurara o que é hoje a revista *Veja*. A novidade desta revista consistira em, de acordo com Vilatta (2002, apud *Veja* 1980) "fazer uma revista semanal de grandes reportagens, que debate com franqueza problemas de família, sexo, política e sacode preconceitos e tabus". A revista *Realidade* teve curta duração de existência, cerca de dez anos, mas é ao lado dela, que surge o

⁵ Biografia de Roberto Civita no site do Grupo Abril. Disponível em: <http://www.grupoabril.com.br/noticias/noticias-site_402335.shtml> Acesso em: 06 out. 2013.

projeto para criação da revista *Veja*, pelas experiências editoriais e pelo grande número de acervo de informações.

Consoante às experiências editoriais da Editora Abril, Victor Civita, dá crédito ao novo empreendimento idealizado pelo seu filho Roberto Civita com auxílio de Mino Carta, em publicar uma revista semanal de informação, a *Revista Veja* (primeiro nome da revista: *Veja e Leia*). Este novo projeto é publicado em 11 de setembro de 1968 à semelhança da revista americana *Time*, segundo Íria Baptista & Karen Abreu (2010, p. 17):

Abordando temas do cotidiano da sociedade brasileira como economia, política, guerras e outros conflitos territoriais, cultura e aspectos diplomáticos, entre outros, *Veja* apresenta seções fixas – sobre cinema, música, literatura e a “famosa entrevista das páginas amarelas”, no princípio de cada edição – e colunas assinadas por Diogo Mainardi, Stephen Kanitz, Tales Alvarenga, Lya Luft, Jô Soares e Reinaldo Azevedo, por exemplo.

O periódico abordava os mais variados temas, no entanto, o vasto número de assuntos discutidos nas edições, a quantidade de anúncios e falta de planejamento administrativo e publicitário prejudicaram a credibilidade do periódico nas primeiras edições. Vindo a adquirir credibilidade frente ao público após o ano de 1969 por uma estratégia de recuperação (novos temas - novo modelo de informação jornalística) e um forte investimento em propagandas, conforme Daniella Villalta (2002, p.11):

A publicação foi se aperfeiçoando, ganhando força e garantindo espaço permanente nas bancas de jornais e na preferência da classe média brasileira, que a elegeu como o arauto da intelectualidade no país. Era a possibilidade de adquirir semanalmente uma parcela de modernidade, impressa em máquinas estrangeiras, conforme modelos estrangeiros e com uma nova perspectiva de observação dos fatos: a interpretação, ainda uma novidade para o jornalismo brasileiro. O jornalismo interpretativo, ou analítico, relaciona-se com o investigativo onde, “ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação da sua ocorrência

De certo modo, a revista procura se estabelecer como formadora de opinião desde a sua implantação, o seu objetivo primava por um público mais refinado, um público que necessitava de informações precisas e globais. Num período de constantes mudanças sociais e culturais (período da ditadura) no interior do país e no exterior, como a evolução da industrialização, os diversos campos científicos com

suas fascinantes descobertas, o leitor crítico necessitava de um veículo de comunicação que transmitisse informações confiáveis e precisas. Assim, nas palavras de Victor Civita no lançamento do periódico "Devemos esta revista – em primeiro lugar – aos milhões de leitores que através dos anos têm prestigiado nossas publicações. Às classes governantes, produtoras, intelectuais que reclamaram da Abril este lançamento⁶."

Conforme a Editora Abril, o perfil dos leitores da revista *Veja* compreende os seguintes dados: a circulação líquida de julho de 2013 corresponde a 1.036.134 exemplares por edição, sendo 902.416 (87%) por assinaturas, 133.718 avulsas e 10.448.135 total de leitores. Estes números estão distribuídos na seguinte classificação: 47% são homens, 53% são mulheres. Os jovens leitores da revista com idade entre 15 a 34 correspondem a 42%, sendo de 35 a 44 - 20%, 45 a 49 - 9%, acima de 50 anos 26%. Quanto ao perfil socioeconômico dos leitores (classe social): classe A - 21%, classe B - 50%, classe C - 26% e classe D - 3%. As regiões que circulam a revista: Norte 5%, Nordeste 16%, Sudeste 57%, Sul 13% e Centro-Oeste 9%. Estes dados atualizados foram extraídos da Editora Abril⁷

Conforme os dados estatísticos da empresa são leitores compromissados as pessoas pertencentes às classes A, B e C. Por sua vez, a classe B predomina grande parte dos leitores, posição da elite brasileira, há equilíbrio estatístico entre homens e mulheres e os jovens correspondem a maioria dos leitores.

No entanto, podemos perceber nesta pesquisa sobre a revista *Veja* que a Editora Abril exerce sua atividade pelas diversas linhas de publicação para leitores específicos, por exemplo: *Pato Donald* – público infantil; a revista *Quatro Rodas* - destinado ao público automobilísticos; *Claudia* – ao público feminino; *Veja* – público intelectual e assim por diante. *Veja* é uma revista informativa que aborda vários temas sociais, mas a sua linha de trabalho esta voltada para o político sob o jornalismo investigativo que aborda os assuntos polêmicos da sociedade.

⁶ VEJA E LEIA. **Revista semanal de informação**: Carta do editor. Editora Abril, São Paulo, n. 01, p.20 11 set.1968. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em: 07 nov. 2013.

⁷ Disponível em: <<http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em 02 nov. 2013.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Este estudo compreende os gestos de leitura presentes na revista periódica *Veja* sobre os protestos contra o aumento das passagens de ônibus, trens e metrô urbanos na cidade de São Paulo. A instituição produziu uma reportagem sobre as manifestações de junho de 2013 que expõe atos de destruição na cidade de São Paulo, respectivamente, em frente ao teatro municipal de São Paulo na noite de quinta-feira 13/06/2013.

Em decorrência deste enfoque todo texto produzido pela mídia se baliza na organização discursiva e pela *lógica da escolha* que o acontecimento requer. Conforme aborda Gomes (2000, p. 79):

Devemos levar em conta que é por uma escolha feita pelas mídias que um acontecimento se elege como tal. [...] essa escolha, relacionada à função testemunhal, tem uma dupla face: estatuir uma realidade e organizar um dado a ver".

A revista produziu uma matéria que versa sobre os atos de destruição provocados por alguns participantes das manifestações, silenciando outras vozes presentes na principal motivação dos protestos que seria contra o aumento das passagens em ônibus, metrô e trens da metrópole paulista. A reportagem divulga os componentes de grupos, busca informações do poder público e faz analogias com outras manifestações, fazendo funcionar pelo interdiscurso certos sentidos ao mesmo tempo em que opera com a política do silenciamento de outros.

4.1 Condições de produções das manifestações

Em junho de 2013 ocorreram diversas manifestações populares pelo Brasil. Essas manifestações foram desencadeadas, a princípio, pelo aumento de R\$ 0,20 (vinte) centavos das passagens dos transportes públicos em ônibus, trens e metrô (de R\$ 3,00 para R\$ 3,20) na metrópole de São Paulo. As manifestações foram

iniciadas pelos estudantes com o apoio da entidade *Movimento Passe Livre*⁸, entidade que se define como “um movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário”. No ato das manifestações houve repressões por parte do Poder Público com uso da força policial. Esta atitude instaurou sentimentos de revolta e o aumento dos protestos. Em decorrência dessa repressão o protesto ganhou forças com a união de outros grupos e se espalhou por diversas cidades do país. A partir de então, as reivindicações tomaram outros rumos por diversas causas como: PEC 37 (Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 [PEC da impunidade]), este projeto do legislativo busca limitar o poder de investigação criminal do Ministério Público Federal e Estadual, Receita Federal, CPI's e outros órgãos do governo. Seu autor foi o deputado Lourival Mendes, PT do B/MA.

Essa harmonia entre os grupos de manifestantes somente foi possível graças às redes sociais online, tais como, Facebook e Twitter por possibilitar a comunicação entre as pessoas e influenciá-las a participar dos protestos. As redes sociais online se tornaram uma alternativa favorável e eficaz de comunicação instantânea e direta, em contrapartida, os meios de comunicação da mídia como a televisão, jornais, revistas (Rede Globo, SBT, Veja e outras) tiveram participação considerada negativa por parte dos protestantes pelo fato, segundo eles, de manipular as informações com viés pejorativo quanto aos protestos.

Os protestos eram compostos por diversos grupos que dentre os principais são: estudantes, MPL (Movimento Passe Livre), membros de partidos políticos, punks. Segundo a Revista Veja (2013, p.86) “as minorias que participaram ativamente do quebra-quebra são os suspeitos de sempre: militantes de partidos de centro-esquerda (PSTU, PSOL, PCO, E PCdoB), militantes radicais de partidos de centro-esquerda (PT E PMDB), punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas”.

Essa manifestação publicada pela revista não corresponde ao primeiro protesto elaborado pelos estudantes universitários em 2013, mas sim, a quarta de uma série de protestos ocorridos em São Paulo.

⁸ Site do Movimento Passe Livre que disponibiliza o acesso ao acervo da instituição como também sua missão. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>>. Acesso em 03 Out.2013.

1ª OBSERVAÇÃO: IMAGEM 01



Imagem 01 – Manifestantes em frente ao teatro municipal de São Paulo

A publicação da reportagem destaca a matéria apresentando a fotografia dos manifestantes. A imagem mostra uma aglomeração de jovens em frente ao teatro municipal de São Paulo na noite de quinta-feira 13/06/2013 com faixas e bandeiras nas mãos. O espaço da imagem focaliza um ângulo que registra os manifestantes em frente à entrada do teatro. Fica evidente que se trata de uma manifestação. Veja (2013, p.84). No espaço do *lide* da reportagem contém a seguinte informação:

Os jovens já marcharam pela paz, democracia e liberdade. Os de agora vão às ruas para baixar os preços das passagens. Mas isso é tudo?

O enunciado empregado propõe um questionamento em relação ao propósito do protesto. Deixa evidente que os jovens, no passado (marcharam), puderam transformar a sua realidade lutando pelos seus ideais, seja, a paz, a democracia e a liberdade. E põe em dúvida ao que os jovens de hoje estão lutando, a favor do que? Ou para que?

O anseio por uma sociedade independente, livre de repressões e deturpação da ética, contra a corrupção dos governantes, constantemente foi estímulo para os jovens protestarem contra o sistema público. Tendo em vista que há registros dessa natureza no país e no exterior em épocas recentes e em épocas passadas⁹. A maioria das pesquisas em relação ao MPL revela uma organização voltada a programas que abordam temas para o bem comum da população no quesito de mobilidade de transporte público urbano. Numa entrevista ao site “Brasil de Fato”, Marcelo Pomar, um dos fundadores da organização, relatou que a luta pelo passe livre é histórica e sempre esteve presente nas reivindicações de estudantes, segundo Maria Tonha (2013).

Na realidade, temos que voltar um pouco no tempo para entender como se chegou à fundação do MPL. O passe livre é uma reivindicação histórica do movimento estudantil. Desde pelo menos o final dos anos 80 no Rio de Janeiro há movimentos desse tipo, com inclusive uma movimentação histórica quando o Brizola já era governador do estado. Os estudantes conseguiram garantir esse direito no Rio, e até hoje esse direito existe, de forma meio capenga, por conta de liminares de empresas de ônibus – vira e mexe esse direito é contestado. Então, depois da abertura política de 1985, o passe livre passou a fazer parte do ideário do conjunto de reivindicações históricas do movimento estudantil brasileiro, em especial o secundarista. Nós não inventamos essa história.

Em decorrência desta recordação de fatos passados é preciso que a memória coletiva esteja viva na lembrança de um grupo social, certamente, a imagem dessas manifestações passadas (pela memória) motivou os jovens a irem às ruas para

⁹ A revista Veja já publicou fatos semelhantes a estes protestos em diversas épocas, no periódico n.1 (VEJA 1968, p. 22) “A culpa da violência. Quem jogou a primeira pedra, os moços ou a polícia? Os dois lados admitem a violência” discuti a relação de lutas ideológicas entre o Estado e os estudantes, num período extremamente repressivo no governo da ditadura militar.

protestarem por alguma causa¹⁰. A respeito disso Achard (1999, p.25- grifo nosso) explica que a vivacidade evocada por uma imagem é decorrente de:

Lembrar um acontecimento ou um saber não é forçosamente mobilizar e fazer jogar uma memória social. Há necessidade de **que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade**: e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social. [...] a memória coletiva 'só retém do passado o que ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém. Por definição, ela não ultrapassa o limite do grupo'.

Os movimentos sociais aspiram por uma mobilidade urbana gratuita nos transportes coletivos. Esse anseio se estende ao longo do tempo por se manterem vivas as memórias desses acontecimentos. Esta memória da *gratuidade* está presente na comunicada estudantil e estende-se por toda a sociedade. De tal modo, enquanto houver cobranças dessas taxas sempre haverá reivindicações sustentadas pela lembrança. De acordo com Orlandi (2000 p.31) a memória está relacionada com o interdiscurso "memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível". Ou seja, aquilo que dizemos ou acreditamos corresponde a algo pré-estabelecido anteriormente que ao relembrar estamos criando uma ponte entre o passado e o presente, o já dito pelo dito, contribuindo para construção discursiva do sujeito aonde os sentidos vão se materializando, assim, o termo *gratuidade* pertence a uma parcela do dizer, *fio discursivo*, que torna possível as formações discursivas das manifestações.

Por outro lado, não podemos nos esquecer que vivemos em um ano pré-eleitoral e todo discurso, sobretudo em mídias com grande circulação estão de alguma forma afetados por este acontecimento. É assim que pensamos compreender o questionamento da revista quanto aos objetivos dos protestos. Ao lembrar que os jovens do passado "*Os jovens já marcharam pela paz, democracia e liberdade*", o discurso faz reviver a memória de acontecimentos que traziam em seu bojo o descontentamento político dos manifestantes. No entanto, ao afirmar que "*Os de agora vão às ruas para baixar os preços das passagens*", o discurso procura

¹⁰ A este respeito o MPL está sempre à frente nas negociações (em relação à mobilidade urbana) para diminuir o valor das passagens ou até mesmo extingui-las, os protestos são formas de pressionar o poder público em última estância caso não houver consenso nas negociações.

desqualificar a reivindicação dos jovens de hoje, ao mesmo tempo em que sugere que deveria haver um descontentamento político mais amplo e geral. É o que interpretamos no enunciado *"mas isso é tudo?"* Há uma abordagem para os problemas mais gerais e isto no corpo da reportagem fica melhor colocado com o destaque dado a frase de uma manifestante: *"A questão é mais profunda do que um mero aumento de passagem. O povo está cansado de conchavos entre governantes e empresas privadas."* Este movimento discursivo se move no sentido de aproveitar uma manifestação que tinha um enfoque e um objetivo para relativizar, amenizar os protestos e quando o protesto é visto como um protesto contra tudo e todos passa a ser um protesto contra nada.

Estas manobras, a nosso ver procura em primeiro lugar desqualificar as reais reivindicações dos estudantes, baixar o preço das tarifas de ônibus, ao mesmo tempo coloca em pauta questões que envolvem o governo federal num movimento que sempre agradou a direita: mostrar que todos são iguais, políticos, partidos, desfazendo desaparecer a voz das diferenças entre esquerda e direita. Uma eleição em que não se discute ideologia, o poder econômico e as manobras da mídia são mais fáceis de se estabelecer.

2ª OBSERVAÇÃO: IMAGEM 02



Imagem 02- Manifestantes ao redor de uma fogueira

A imagem 02 expõe jovens segurando bandeiras e cartazes em torno de uma fogueira. Alguns têm os rostos escondidos por panos e máscaras mantendo um fogo aceso ao centro. O registro da imagem num momento específico cria um “efeito de realidade” pela referencialidade do objeto. Este efeito de realidade transmite ao leitor uma sensação concreta de um acontecimento. Segundo Gomes (2000, p.25) a imprensa torna real estes acontecimentos *que delineiam o caráter de uma personagem, sua identidade, atmosfera, estado de espírito*. Para a imprensa a imagem é um suporte ao texto escrito e pode-se mostrar o fato, tal como, o acontecido sugere. Afinal, conforme aborda Gomes (2000, p. 25)

É freqüente encontrarmos essa condição nas matérias jornalísticas calcadas em testemunhos de familiares e vizinhos. Mesmo a fotografia que acompanha uma matéria é muitas vezes um quadro que delineia um certo estado de espírito diante de uma ocorrência perturbadora.

Ao optar por registrar o comportamento dos protestantes num momento de euforia, onde se acendem fogueiras, pichações e tumulto ocorre um silenciamento da manifestação pacífica num todo e produz um elo entre o pacífico e o conflituoso, com isso, reflete para o leitor uma situação catastrófica da manifestação. Segundo Achard (1999, p. 25) “o registro do ‘acontecimento’ deve constituir memória, quer dizer: abrir a dimensão, entre o passado originário e o futuro, a construir, de uma comemoração”. O ato dos protestos promove uma ruptura no seio da sociedade e institui uma memória¹¹ social de caráter coletivo diante da realidade dos fatos. Afirma Achard (1999, p. 26- grifo do autor)

[...] história e memória coletiva: de entrecruzar, de aliar a resistência ao tempo que caracteriza uma e o poder de impressão-vivacidade – da outra. Assim, o acontecimento, como acontecimento ‘memorizado’ poderá entrar na história (a memória do grupo poderá perdurar e se estender além dos limites físicos do grupo social que viveu o acontecimento); mas enquanto ‘histórico’ ele poderá se tornar, em compensação, elemento vivo de uma memória coletiva. Esta última

¹¹ Para que haja memória, é preciso que **o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença**, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão. Porque é essa possibilidade de fazer impressão que o termo ‘lembrança’ evoca na linguagem corrente. Achard (1999, p. 25, grifo nosso)

adquirirá então uma outra dimensão: aquela, se podemos dizer, de uma *memória societal*.

O fato registrado pela imagem se tornará histórico. Diante dessa questão Achard (1999, p.27) afirma que “a imagem representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o espectador)”.

A imagem é complexa e muito sugestiva. Primeiro as chamas iluminando bandeiras vermelhas procura identificar os protestos como baderna, sugerindo que essa baderna é promovida pelo PT, pois a cor do partido coincide com a que predomina na imagem. Além disso, há um destaque dado para um manifestante mascarado que dança em volta da fogueira, esses mascarados tem sido denominados de vândalos, desta forma se associa a imagem dos vândalos a um ícone do partido dos trabalhadores por associação, cria-se uma imagem, uma memória. Isso é reforçado com as falas de alguns dos manifestantes como, por exemplo: “Esses baderneiros não representam a maioria do movimento.” Como afirma Orlandi (2007, p. 74) “Podemos dizer, generalizando, que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras.” A denominação de vândalos, baderneiros, a máscara, o fogo e a cor vermelha apagam os reais sentidos dos protestos, pela política do silenciamento, apagam-se de forma deliberada, os constantes aumentos de tarifas, as más condições dos serviços, a corrupção generalizada e numa só formulação cria um clima de catástrofe envolvendo um único partido e o povo bandido.

3ª OBSERVAÇÃO: IMAGEM 03



Imagem 03- discurso presente no cartaz

A imagem três exprime uma analogia entre homem primata e o capitalismo. A imagem destaca um manifestante mascarado de *macaco* segurando um cartaz escrito: "HOMEM PRIMATA, CAPITALISMO \$ELVAGEM". Na imagem contém uma afirmação da revista "Atrás dos cartazes sempre se esconde um desconforto legítimo dos jovens". Logo abaixo, outra frase "Eles querem dizer alguma coisa". O discurso da mídia gerencia os gestos de interpretação, primeiro vejamos o pronome de terceira pessoa na designação dos manifestantes, o que afasta da Formação Discursiva do órgão de imprensa, ou seja, nós somos objetivos, mostramos os protestos, mas não fazemos parte dele, não comungamos com eles. Segundo a expressão "desconforto legítimo", aponta para uma imprensa mais uma vez isenta, objetiva, capaz de julgar a legitimidade de uma manifestação. Por fim a expressão verbal "querem", é no mínimo estranha. Os manifestantes estão dizendo, gritando, falando em palavras escritas, por gestos, por várias formas de usos da linguagem, portanto eles não 'querem', eles falam, falaram. Mas o verbo silencia as suas

palavras como se elas fossem inaudíveis, incompreensíveis, são eles, outro povo, outro mundo, o bárbaro e nós não compreendemos essa língua, mais uma vez age a política do silenciamento.

4ª OBSERVAÇÃO: IMAGEM 04

Há uma grande chance de que boa parte da rapaziada que, na semana passada, foi às ruas esteja apenas dando vazão às pressões hormonais pelo exercício passageiro do socialismo revolucionário. Afinal, como disse o inglês Winston Churchill, “se você não é um liberal aos 20 anos não tem coração, e se não se torna um conservador aos 40 você não tem cérebro”. As

Imagem 04 – discurso irônico

O gesto discursivo do autor discute a ação-sujeito dos integrantes do protesto. Nessas formulações descreve a atitude dos sujeitos numa conjuntura em que os sentidos direcionam para um discurso determinado pelas condições sociais. Nesse ínterim, o escritor utiliza a ironia como parte do processo de argumentação do discurso.

Para Orlandi (1999, p. 09-grifo do autor) o texto apresenta um leitor virtual para o qual o escritor pretensamente se refere é um “leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para que ele se dirige. Tanto pode ser um seu ‘cúmplice’ quanto um seu ‘adversário’”. O escritor ao tecer um texto já se posiciona perante um público específico com o propósito de convencê-lo ou mesmo desqualificá-lo. Por conseguinte, a constituição da formação imaginária que o escritor se inscreve autoriza-o a formular o texto pensando na imagem de seu interlocutor.

A revista *Veja* utiliza a figura de linguagem para reforçar os argumentos constitutivos do tema. Logo, a ironia é uma figura de linguagem onde se diz algo com intenções contrárias. Diante disso Benetti (2007, p.40) afirma que “o sarcasmo configura-se como uma ironia desqualificadora, ofensiva ou até mesmo injuriosa”. Na expressão “se você não é um liberal aos 20 anos não tem coração, e se não se torna um conservador aos 40 você não tem cérebro” encerra um caráter irônico sarcástico na medida em que trabalha com o simbólico manipulando os sentidos de maneira a desqualificar os discursos dos protestos.

Neste percurso ocorre o silenciamento dos discursos dos protestos pelo gerenciamento dos acontecimentos relatados pela mídia. A respeito disso mobilizaremos o conceito de silêncio proposto por Eni Orlandi (1997, p. 55) postula que o silêncio é significativo. O silêncio é necessário para a significação das palavras, não podemos interpretá-lo, mas sim, compreendê-lo. Assim, categoriza duas formas de silêncio: o silêncio fundante e a política do silêncio, o silenciamento.

A primeira nos indica que todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio; a segunda diz que – como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo ‘outros’ sentidos. Isto produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos. [...] Há pois uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Esta é uma dimensão política.

Para compreender o sentido do silêncio é necessário ter uma visão ampla do contexto que é produzido o discurso. O discurso da mídia é produzido por uma condição sócio-histórica que equivale às condições sociais que designam uma relação de força constitutiva da posição do sujeito escritor/leitor. A política do silenciamento é a priorização de sentidos num dado contexto e faz imergir sentidos outros que circulam neste mesmo contexto social. Visto que as vozes dos discursos dos protestos – o aumento do preço dos bilhetes e as outras reivindicações – foram silenciados pela escolha do objeto tematizado e pelo discurso irônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando em uma perspectiva de leitura crítica de um texto todo bom leitor sempre deve posicionar-se perante qualquer texto que seja, indagar-lhe sobre todos os elementos constitutíveis possíveis. Em nosso trabalho monográfico procuramos descrever os “gestos de leituras” presentes em uma entrevista da revista *Veja* em relação aos protestos de junho de 2013. Para isso, mobilizamos os conceitos de leitura, memória, ideologia, silenciamento dentre outros da Análise de Discurso de linha francesa por Eni Orlandi e Pêcheux, como também abordamos os conceitos de *Aparelhos Ideológicos do Estado e Ideologia* de Louis Althusser; alguns parâmetros de jornalismo de Mayra Rodrigues Gomes, dentre outros autores para a análise deste trabalho.

Pudemos verificar que a leitura/interpretação passa por um processo heterogêneo e que depende de diversos elementos para fundamentar a sua materialidade.

Na esfera midiática constatamos que o periódico *Veja* embasa suas matérias visando um determinado público abastado, considerados a classe “dominante/pensante” da sociedade. *Veja* produz suas matérias pensando na verdade, objetividade e transparência nas entrevistas. Por outro lado, deparamos com alguns elementos que deslizam dessas qualidades, como ilustração, temos as figuras de linguagem e os silenciamentos discursivos.

Em relação ao Movimento Passe Livre pudemos observar que se trata de uma organização voltada para os problemas de mobilidade urbana coletiva em que procuram debater frente ao poder público a gratuidade dos transportes coletivos em ônibus, trens e metrô nas grandes cidades brasileiras. Trabalham em conjunto com grupos estudantis na tentativa de isentar as passagens para os estudantes e a população. Utiliza os movimentos sociais como uma ferramenta alternativa para pressionar o poder público para suas reivindicações.

Na análise abordamos algumas observações quanto à publicação dos movimentos em relação à reportagem da revista *Veja* com apoio teórico específico. Na primeira observação, analisamos o movimento dos sentidos pelo interdiscurso (memória coletiva) aonde os sentidos percorrem um curso histórico permanecendo

vivo na memória coletiva de um grupo com interesses específicos. Em contrapartida, os discursos presentes na reportagem colocaram uma interrogação quanto ao verdadeiro propósito dos protestos; na segunda observação, verificamos como as imagens produzem sentidos pelo simples gestos de focar um objeto e este provocar uma sensação de efeito de realidade perante o leitor. Por sua vez, o registro destas imagens torna-se elementos vivos históricos para uma sociedade; na terceira observação, notamos como os discursos da mídia gerenciam os gestos de interpretação do leitor, isentando a própria mídia de qualquer favorecimento ou concordância com os protestos; na quarta observação, discute-se as figuras de linguagem – ironia sarcástica - empregados pela *Veja* para desqualificar os integrantes do movimento com o propósito de silenciar os seus discursos.

Em suma, a importância deste trabalho monográfico serviu para mostrarmos como a mídia gerencia os gestos de leitura/interpretação nas suas reportagens, em especial, aos protestos de junho de 2013 dos estudantes universitários com estímulo do Movimento Passe Livre. Observamos que a leitura passa por processo heterogêneo que envolve no mínimo as condições históricas, sociais, ideológicas.

BIBLIOGRAFIA

ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ALTHUSSER, Louis,. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro. 2.ed Edições Graal, 1985.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREUY, Karen Cristina Kraemer: **A história das revistas no Brasil**: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. set. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>> Acesso em: 01 nov. 2013.

BENETTI, Marcia. **A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. Libero, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 37-45, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/4644>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Atos do Movimento Passe Livre costumam terminar em confronto**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1291146-atos-do-movimento-passe-livre-costumam-terminar-em-confronto.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2013.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo, Hacker Editores, 2000.

TONHA, Maria. **Fundador do MPL fala sobre o movimento, as jornadas de junho e o Tarifa Zero**. SOCIEDADE EDITORIAL BRASIL DE FATO, São Paulo, 25 jul.2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/13683>>. Acesso em: 01 nov.2013.

MEGALE, Bela; RANGEL, Caroline. **A razão de tanta fúria**. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, ano 46, n. 25, 2013.

NASCIMENTO, Nilton. **Métodos e Técnicas de Estudos e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Universo, 1983.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2.ed, 1996.

_____. **Discurso e Leitura**. 4. ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

_____. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

VEJA E LEIA. **Revista semanal de informação**: Carta do editor. Editora Abril, São Paulo, n. 01, p.20 11 set. 1968. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em: 07 nov. 2013

VILLALTA, Daniella. **O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set. 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/300ea43da98da19f6977caba6d17d8cd.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2013.

ANEXOS

Anexo 01- Manifestantes em frente ao teatro municipal de São Paulo



Anexo 02 – Manifestantes ao redor de uma fogueira



menor das questões agora. Os próximos protestos precisam ser, antes de tudo, pela liberdade de protestar."



PORTO ALEGRE



SÃO PAULO



RIO DE JANEIRO

RASTRO DE FOGO

As manifestações que começaram em São Paulo se espalharam nos dias seguintes por quatro estados. Em comum, tiveram enfrentamentos com a polícia e saques de uma série de lojas da parte dos manifestantes.

Anexo 03 – discurso presente no cartaz



Eles querem dizer alguma coisa

Uma reportagem especial desta edição se dispõe a explicar o que querem os jovens brasileiros que estão vandalizando as ruas a pretexto de lutar contra o aumento de 20 centavos nas passagens urbanas. Eles querem protestar. São donos de uma indignação difusa contra o "sistema" e pregam que um "outro mundo é possível". Nisso são iguais aos jovens americanos que em 2011 protagonizaram uma furiosa mas meteórica revolta urbana contra o capital financeiro ("Ocupe Wall Street"). Eles se parecem com os estudantes ingleses que, também há dois anos, barricaram o centro de Londres em protesto contra a cobrança de algumas taxas nas universidades, que até 1997 eram inteiramente gratuitas.

Eles têm em comum principalmente o fato de pertencer às classes médias e ricas de seus respectivos países. Uma pesquisa mostrou que a renda média anual dos participantes do movimento contra Wall Street era de mais de 80.000 dólares. O símbolo máximo dos militantes pela universidade gratuita de Londres foi Charles Gilmour, filho do milionário guitarrista da lendária

banda de rock Pink Floyd e, claro, com dinheiro familiar bastante para custear as mais caras universidades do planeta. Os repórteres de VEJA entrevistaram dezenas de jovens nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro que, candidamente, confessaram nunca andar de ônibus, mas protestavam mesmo assim em nome de suas empregadas domésticas. Fosse esse mesmo o caso, seria mais eficiente pedir aos pais um aumento de salário para elas.

Uma lição valiosa, porém, é a de que esses surtos de indignação da juventude sempre guardam uma razão real escondida atrás dos cartazes com dizeres desconexos e palavras de ordem utópicas. Eles não podem ser simplesmente descartados como arroubos naturais daquela idade em que, como dizia o ditado, sobra força e falta sabedoria. Tampouco ajuda enxergar esses jovens apenas como massa de manobra de partidos radicais. É muito útil tentar decifrar quais são as verdadeiras frustrações extravasadas violentamente por eles nas ruas das grandes cidades brasileiras. A reportagem de VEJA que começa na página 82 contribui para isso.

Anexo 04- Discurso irônico

Especial

Para fabricar um incêndio bastam uma fagulha e um pouco de oxigênio. No caso da série de manifestações iniciadas em São Paulo e no Rio, a fagulha foi o aumento da passagem de ônibus. Já o combustível era composto de bem mais do que um elemento. Na semana passada, essa combinação produziu labaredas de alturas inéditas. A passeata de quinta-feira em São Paulo terminou com mais de 230 detidos, o maior número de presos em confronto com a polícia desde a ditadura militar. Mais de 100 pessoas ficaram feridas, incluindo dezenas que nada tinham a ver com a manifestação e que foram atingidas por lascas de bombas de gás lacrimogêneo ou balas de borracha disparadas pela Polícia Militar.

Há uma grande chance de que boa parte da rapaziada que, na semana passada, foi às ruas esteja apenas dando vazão às pressões hormonais pelo exercício passageiro do socialismo revolucionário. Afinal, como disse o inglês Winston Churchill, "se você não é um liberal aos 20 anos não tem coração, e se não se torna um conservador aos 40 você não tem cérebro". As minorias que participaram ativamente do quebra-quebra são os suspeitos de sempre: militantes de partidos de extrema esquerda (PSTU, PSOL, PCO e PCdoB), militantes radicais de partidos de centro-esquerda (PT e PMDB), punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas, sempre dispostos a driblar o tédio burguês aderindo a algum protesto violento.

Foi a quarta de uma série de manifestações organizadas por um grupo anônimo criado por estudantes de São Paulo sob inspiração de um movimento nascido em Florianópolis. O Movimento Passe Livre (MPL) defende a estatização das empresas de transporte e a gratuidade das passagens. Em São Paulo, ele não tem sede, nem chega a reunir uma centena de integrantes. Vangloria-se também de não ter líderes. Tem, claro, mas prefere chamá-los de "porta-vozes". O perfil deles é bastante semelhante. Como o porta-voz Marcelo Holtzky, de 19 anos, muitos são egressos do Colégio Santa Cruz, um dos mais tradicionais da elite paulistana, ou do Equipe, outra escola frequentada por filhos de profissionais liberais. Atualmente, a maior parte estuda na USP, nos cursos de física, ciências sociais, história e direito — caso



UMA QUESTÃO "MAIS PROFUNDA"

Alana de design da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Valkyria Arondattir, de 21 anos, é veterana em manifestações. Já foi às ruas pela saída de Renan Calheiros do Senado e a duas marchas contra a corrupção. Chegou à passeata de quinta-feira no Rio preparada para a guerra. Além de cobrir o rosto com óculos de mergulho, tinha kit de primeiros socorros e um escudo feito de isopor e papelão para conter balas de borracha: "A questão é bem mais profunda do que um mero aumento de passagem. O povo está cansado de conchavos entre governantes e empresas privadas".



CONTRA A BADERNA

Estudantes de direito das Faculdades Metropolitanas Unidas, em São Paulo, Vander Santana e Gabriel Ribeiro, de 20 e 22 anos, foram às ruas defender a redução do preço da passagem de ônibus, mas se revoltaram com o vandalismo de parte dos manifestantes. "As atitudes desses anarquistas que quebram coisas desvirtuam o objetivo da passeata, que é a redução da tarifa", argumenta Gabriel. "Esses badernaços não representam a maioria do movimento." Os amigos tiraram o rosto coberto por lenços para reduzir os efeitos do gás lacrimogêneo arremessado pela polícia.